

La bolsionarización de Brasil



Edificio Trinitarios – Universidad de Alcalá, sede del IELAT

**Esther Solano
Gallego**





Universidad
de Alcalá

INSTITUTO UNIVERSITARIO DE INVESTIGACIÓN
EN ESTUDIOS LATINOAMERICANOS ·IELAT·

DOCUMENTOS DE TRABAJO IELAT

Nº 121 – Abril 2019

La Bolsonarización de Brasil

Brazilian Bolsonarization

A Bolsonarização de Brasil

Esther Solano Gallego

Estos documentos de trabajo del IELAT están pensados para que tengan la mayor difusión posible y que, de esa forma, contribuyan al conocimiento y al intercambio de ideas. Se autoriza, por tanto, su reproducción, siempre que se cite la fuente y se realice sin ánimo de lucro. Los trabajos son responsabilidad de los autores y su contenido no representa necesariamente la opinión del IELAT. Están disponibles en la siguiente dirección: [Http://www.ielat.com](http://www.ielat.com)

Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos
Universidad de Alcalá
C/ Trinidad 1
Edificio Trinitarios
28801 Alcalá de Henares – Madrid
www.ielat.com
ielat@uah.es
+34 91 885 25 75

Presidencia de Honor:

Dr. Juan Ramón de la Fuente

Dirección:

Dr. Pedro Pérez Herrero, Catedrático de Historia de América de la Universidad de Alcalá y Director del IELAT

Subdirección:

Dr. Eduardo López Ahumada, Profesor Titular de Universidad del Departamento de Ciencias Jurídicas, Facultad de Derecho de la Universidad de Alcalá

Secretaría Técnica:

Dr. Iván González Sarro, Investigador en la Línea de Historia del IELAT

Comité de Redacción/evaluadores:

Dra. Janete Abrao
Dra. Adriana Buitrago Escobar
Dra. Erica Carmona Bayona
Don Aitor Díaz-Maroto Isidro
Don Rodrigo Escribano Roca
Don Gonzalo Andrés García Fernández
Doña Yurena González Ayuso
Dra. M^o Victoria Gutiérrez Duarte
Don Carlos Martínez Sánchez
Dr. Diego Megino Fernández
Dr. Rogelio Núñez Castellano
Don Felipe Orellana
Dr. Jorge Luis Restrepo Pimienta
Dra. Aránzazu Roldán Martínez
Dra. Ruth Adriana Ruiz Alarcón
Dra. Eva Sanz Jara
Dr. Jesús Alfonso Soto Pineda
Doña Mirka Torres
Doña Rebeca Viñuela Pérez

Los DT son revisados por pares por el procedimiento de par simple-ciego (*Single-Blind Peer Review-SBPR*). (Para más información, véase el apartado de “Proceso de evaluación preceptiva”, detallado después del texto).

Consultar normas de edición en el siguiente enlace:
<https://ielat.com/normativa-de-edicion/>

DERECHOS RESERVADOS CONFORME A LA LEY
Impreso y hecho en España
Printed and made in Spain
ISSN: 1989-8819

Consejo Editorial:

UAH

Dr. Diego Azqueta
Dra. Concepción Carrasco
Dra. Isabel Garrido
Dr. Carlos Jiménez Piernas
Dr. Eduardo López Ahumada
Dr. Manuel Lucas Durán
Dr. Diego Luzón Peña
Dra. Adoración Pérez Troya
Dr. Miguel Rodríguez Blanco
Dr. Daniel Sotelsek Salem
Dr. José Juan Vázquez Cabrera
Dra. Isabel Wences Simón

Unión Europea

Dr. Walther Bernecker (Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg, Alemania)
Dr. José Esteban Castro (Universidad de Newcastle, Reino Unido)
Dr. Sergio Costa (Instituto de Estudios Latinoamericanos, Universidad Libre de Berlín, Alemania)
Dr. Olivier Dabène (Instituto de Estudios Políticos de Paris (Sciences Política, Francia)
Dra. Marie-Agnès Palais (Université Toulouse Jean Jaurès, Francia)
Dr. Timothy Power (Universidad de Oxford, Reino Unido)
Dr. Alejandro Quiroga (Universidad de Newcastle, Reino Unido)

América Latina y EEUU

Dr. Fabián Almonacid (Universidad Austral, Chile)
Dr. Eduardo Cavieres (Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile)
Dr. Francisco Cueto (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales –FLACSO–, República Dominicana)
Dr. Pablo Gerchunoff (Universidad Torcuato Di Tella, Argentina)
Dr. Christine Hünefeldt (Universidad de California San Diego, Estados Unidos)
Dr. José Luis Machinea (Universidad Torcuato Di Tella, Argentina)
Dr. Armando Martínez Garnica (Universidad Industrial de Santander, Bucaramanga, Colombia)
Dr. Carlos Marichal (El Colegio de México, México)
Dr. Carlos Iván Moreno (Universidad de Guadalajara, México)
Dr. Marcos Neder (Trench, Rossi e Watanabe Advogados Sao Paulo, Brasil)
Dr. Camilo Pereira Carneiro (Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil)
Dra. Inmaculada Simón Ruiz (Universidad Autónoma de Chile, Chile)
Dr. Peter H. Smith (Universidad de California, San Diego, EEUU)
Dra. María Eugenia Romero (Universidad Autónoma de México, México D. F.)
Dra. Lorena Vásquez (Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, Colombia)
Dr. Guido Zack (Instituto Interdisciplinario de Economía Política, Univ. de Buenos Aires y CONICET, Argentina)

La Bolsonarización de Brasil

Brazilian Bolsonarization

A Bolsonarização de Brasil

Esther Solano Gallego¹

Resumen

Este trabajo analizará los aspectos más importantes de la llegada de Jair Bolsonaro al poder en Brasil. Primero nos detendremos en entender cómo el nuevo presidente brasileño es uno de los actores que simboliza la ascensión de la ultraderecha mundial. Posteriormente caracterizaremos los principales elementos que nos posibilitarán analizar la onda bolsonarista que arrasó Brasil en las elecciones de 2018: el discurso antisistema, el antipartidismo, el antipetismo y el apoyo de grupos evangélicos y militares.

Palabras clave: ultraderecha, Bolsonaro, Brasil.

Abstract

This paper will analyse the arrival of Jair Bolsonaro to Brazilian Presidency. First of all we will discuss how the new President is one of the political actors representing the global far-right. Second, we will go deep into some elements to understand Bolsonaro's victory in 2018 such as anti-system, anti-PT, neoconservative speeches and the support of Christian and military groups.

Keywords: far-right, Bolsonaro, Brazil.

Fecha de recepción del texto: 10/enero/2019

Fecha de aceptación y versión final: 29/enero/2019

¹ Doctora en Sociología por la Universidad Complutense de Madrid. Es profesora en la Universidad Federal de São Paulo en el curso de Relaciones Internacionales y en el Máster Interuniversitario Internacional de Estudios Contemporáneos de América Latina. Especialista en sociología política. Organizadora en Brasil de los libros “¿Hay salida? Ensayos sobre Brasil” (Zouk, 2017), “El odio como política” (Boitempo, 2018). Correo electrónico: prof.esther.solano@gmail.com



1. Introdução: a extrema direita no mundo

Começaremos este artigo com um primeiro capítulo apresentando uma revisão bibliográfica que recolhe alguns elementos teóricos que nos ajudarão a entender o atual protagonismo político da extrema direita no mundo. Posteriormente, no capítulo segundo, analisaremos o contexto brasileiro e as principais razões do sucesso da campanha Bolsonaro, a partir de categorias teóricas e dados empíricos de pesquisas qualitativas e quantitativas. O objetivo final do estudo é analisar a chegada de Bolsonaro a partir de fatores estruturais que podemos enxergar na esfera internacional e fatores conjunturais típicos da realidade sociopolítica brasileira.

Vários fatores têm sido apontados pela literatura para entender o fortalecimento do campo neoconservador no mundo, inclusive aquele com tendências autoritárias. No cenário mundial, partidos e lideranças de direita e extrema direita estão se colocando para a população como alternativas, possibilidades de mudança de um sistema político que com frequência a população entende como fisiológico, corrupto e inábil para oferecer soluções. A democracia está em crise é uma afirmação que a ninguém mais surpreende. Uma crise multifacetada que tem como consequência o declínio das estruturas representativas tradicionais e um mal-estar geral com o funcionamento democrático atual. Vivemos em tempos nos quais a política nos é apresentada como algo prescindível, inclusive sujo, vergonhoso e é desejável a não profissionalização do político. Nossas possibilidades eleitorais, com frequência, são reféns ou de uma tecnocratização da política ou de uma política demagógica que manipula medos, raivas e ódios.

Por outro lado, as intensas e rapidíssimas transformações sociais, vividas nas últimas décadas, desafiam os esquemas clássicos de representatividade. A atual temporalidade, acelerada por um imediatismo tecnológico e midiático, entra em confronto com o tempo político, o tempo representativo, muito mais demorado. Passamos da “democracia dos partidos” à “democracia das audiências” (Manin, 1997) com a substituição do espaço público de debate pelo protagonismo dos meios de comunicação de massa e da internet com um eleitorado mais fluido, menos fidelizado, que se mobiliza muito mais por causas concretas do que por referências partidárias. Volatilidade, hipercomplexidade social, difusão de pautas e demandas, desagregação de

grupos, pluralismos são as novas formas de sociabilidade e organização coletiva, incompatíveis com as clássicas estruturas representativas, muito mais rígidas, hierarquizadas e lentas. Uma cidadania mais crítica, mais informada, que se desconecta cognitivamente e afetivamente do partido como estrutura intermediadora. Tempos de “dessacralização da política”, de “ambiguidades de desintermediação” (Innerarity, 2017) processos que provocam decepção com a dinâmica democrática tradicional. Autores, como Rossanvallon (2016), caracterizam a democracia atual como uma democracia minimalista, uma democracia eleitoral, de autorização, mas não de exercício nem de apropriação. Democracias atrofiadas porque os partidos já quase não exercem a função de intermediação. Tudo isso junto com a centralidade cada vez maior da internet, que produz novos padrões de sociabilidade, informação e comportamento político. As formas de organização online e seu impacto radical na democracia, até com efeitos não esperados e muito desconcertantes, como o fenômeno das *fake news*, boatos virtuais, ou a utilização de *Big Data* em campanhas eleitorais para influenciar as preferências políticas do eleitor. O próprio padrão cognitivo do eleitor mudou e a opinião parece ganhar cada vez mais status de verdade numa clara dinâmica anti-intelectualista.

Evidentemente, um dos problemas não resolvidos da atualidade é a relação entre democracia e neoliberalismo. Neoliberalismo como “a nova razão do mundo”, que atravessa todas as esferas da existência humana para além da econômica. O neoliberalismo como uma forma de existência, fabricação do ser humano (Laval, Dardot 2016) Quando falamos de novas direitas, com frequência estamos nos referindo a duas matrizes diferenciadas: neoliberal e neoconservadora. Tradicionalmente, essas duas matrizes apresentam-se separadas e com formas de organização que caminham em separado. Ultimamente, porém, a ética neoliberal aproxima-se da ética neoconservadora, numa convergência que parece resultar muito frutífera (Weyland, 2003) Duas racionalidades inicialmente diferentes, mas aliadas numa dinâmica de poder (Brown, 2016) Mais na frente veremos como o governo Bolsonaro é um exemplo caro de conjugação entre neoliberalismo e neoconservadorismo. Reformas neoliberais drásticas, cortes dramáticos do orçamento público, estado mínimo, restrição dos direitos trabalhistas, propostas econômicas impopulares que precisam se legitimar ou se esconder sob discursos conservadores, os quais deslocam o centro do debate público. Wendy Brown (2016) afirma que o neoliberalismo transformou-se na diretriz, na forma de ordenamento da vida social de tal forma que *homo politicus* foi derrotado pelo *homo*

economicus no formato do empreendedor, competitivo, ou como dizia Foucault “empresa de se mesmo”. Mas para se erguer como esta força reguladora das subjetividades e da vida coletiva, o neoliberalismo precisa de um conjunto de valores e configurações éticas que reinterprete as crises econômicas como crise morais, de valores e de abandono dos valores tradicionais. É aqui onde entra o papel da religião como legitimadora moral do neoliberalismo especificamente no seu modelo meritocrático da teologia da prosperidade e da lógica do sacrifício. É aqui também onde, diante da pulverização do tecido social por medidas de austeridade, pelo desemprego em longo prazo, a precarização, a concorrência de todos contra todos, a pauperização, entra em jogo a defesa da família tradicional patriarcal e heteronormativa como principal núcleo social e o ressurgimento do nacionalismo, e da figura do “homem de bem” como forma de coesão social a partir do sentimento de unidade frente um “outro” ameaçador que é designado como inimigo e que leva também à militarização do espaço político e público para manter a lei e ordem necessárias para o mercado operar. Nancy Fraser (2017) interpreta o avanço dos movimentos e dos governos de direita no mundo na figura de Donald Trump nos Estados Unidos, o processo do Brexit na Grã Bretanha, Matteo Salvini na Itália, como o fim do que ela denominou o “neoliberalismo progressista”, uma aliança entre as formas neoliberais e certos ideais de emancipação (feminismo, antirracismo, direitos LGBTQ) que agora os eleitores passam a repudiar².

Para que esta aliança entre neoliberais e neoconservadores seja eficaz, um instrumento destaca pela sua eficácia: as guerras culturais, a moralização do debate público e a centralidade na agenda política de temas morais (aborto, identidade de gênero, políticas LGBT...) que passam a deslocar o tradicional protagonismo das pautas econômicas a um segundo plano ficando este subordinado a agenda dos valores. James Hunter (1991) é quem identifica, define e difunde este termo que começaria a ganhar importância nos Estados Unidos nos anos 1980. A criminalização de certos segmentos sociais, aqueles indesejáveis fora da estrutura produtiva, a disputa simbólica, o revisionismo histórico e incluso a recriação ficcional dos fatos, formam parte desta estratégia. Importante sublinhar que não estamos falando de debates culturais senão de guerras culturais, ou seja, um enfrentamento que se faz desde uma suposta superioridade

² Fraser, Nancy. “El final del neoliberalismo progresista”. Disponível em: <https://ctxt.es/es/20170125/Firmas/10572/Neoliberalismo-progresista-democratas-Hillary-Clinton-Nancy-Fraser.htm> Data de última consulta 10-12-2018

moral da lógica neoconservadora frente à depravação moral daqueles que não seguem a mesma lógica. Moralismo fundamentalista que se une a um discurso de negação e demonização da política tradicional. A política é vista e pensada de forma vergonhosa, desprezível, imoral. É a politização da antipolítica e o triunfo do “não sou político, sou técnico” como disse Sergio Moro, o juiz responsável pela operação Lava Jato, ao anunciar sua indicação como Ministro de Justiça do governo Bolsonaro

Neste sentido, Crouch (2013) define pós-democracia como um sistema de fachada democrática, com instituições representativas que, na aparência, funcionam (na pós-democracia votamos, elegemos nossos representantes), mas, na verdade, por baixo desse exterior puramente formal, o sistema está totalmente capturado pela lógica capitalista. Eis aí o paradoxo: uma democracia que funciona na aparência, mas cada vez mais esvaziada de conteúdo e sentido. A democracia vai sendo substituída pela *corporocracia*. As grandes decisões não são tomadas pelo “demos”, pelo “poder popular”, e sim pelas grandes concentrações privadas de capital que pensam a democracia como um instrumento para atingir maiores níveis de intervenção política e lucro. A democracia, portanto, passa a ser um acessório do capitalismo, que é o verdadeiro coração do sistema. O âmbito do poder decisório está totalmente afastado da população e fica na órbita das grandes empresas e oligarquias políticas. As formas autoritárias clássicas do século passado foram substituídas por formas despóticas muito mais sutis, pois vestem roupagens democráticas. A sofisticação do controle é muito mais elaborada, mas também mais perversa, porque, por ser muito mais imperceptível, permite uma margem muito menor para a reação. Neste sistema, o capital é o centralizador de tudo. A ele tudo pertence e fora dele nada sobrevive. As condições de existência só se dão dentro do capital. As subjetividades se constroem dentro do capital e só dentro dele. O ecossistema internacional de risco econômico permanente e a reestruturação do trabalho e dos novos padrões produtivos são alguns dos elementos centrais para entender as dificuldades das estruturas representativas tradicionais. Flexibilidade, hiperprodutivismo, *home-office*, batalhões de trabalhadores em situação de exclusão social, precariedade, vulnerabilidade acelerada, milhões de pessoas descartáveis em situação de desemprego crônico. *The poor working class*, a classe trabalhadora globalmente pauperizada. O autor pós-colonial Achille Mbembe (2014) explica este fenômeno, descrevendo como o neoliberalismo é a universalização da condição negra, transformando o negro no paradigma de uma humanidade subalterna e

expandindo sua condição. Tal condição provoca uma incerteza existencial permanente no trabalhador, que se sente cada vez mais inseguro, num processo de desenraizamento social. O trabalho é um dos eixos estruturantes das relações sociais. Com a degradação do mesmo, desestruturam-se também estas formas de sociabilidade, provocando uma dinâmica de desfiliação (Castel, 2005) desintegração e isolamento social. Porém, em paralelo, as estruturas clássicas de representatividade e luta coletiva trabalhista estão imensamente fragilizadas, assim como o conceito de classe como um fator de mobilização. A democracia de mercado, o cidadão transformado em consumidor, em *homo economicus*, a globalização da periferia. Esses elementos têm como consequência imediata o sofrimento psíquico da sociedade, porém, o sofrimento não se percebe como coletivo, produzido pelo capitalismo contemporâneo, e sim como individualizado, dando lugar a sentimentos de fracasso e culpa. A meritocracia toma o lugar da politização do sofrimento (Coelho, 2013)

Nesta ordem de coisas, os partidos políticos transformam-se em partidos decorativos, em máquinas profissionalizantes e hiperburocratizadas, cartelizadas, que perdem sua conexão ideológica, emocional e psicológica com o eleitor. O voto passa a ser mais um momento cartorial da vida do indivíduo, que não se sente representado por tais estruturas cada vez mais autocentradas, reféns da lógica das elites empresariais e absolutamente distantes da população. Crise de representação partidária que incide mais ainda nos partidos da esquerda tradicional, incapazes, muitas vezes, de cumprir suas promessas de mais inclusão social e igualdade, amalgamando-se num “centro” político junto com a direita mais moderada, o que descaracteriza as múltiplas diferenças partidárias entre eles, provocando reações nos extremos.

Esse contexto – no qual crises econômicas e políticas se misturam e se retroalimentam – possibilita a reorganização de um campo neoconservador, o qual utiliza a retórica do medo e do inimigo como instrumento mobilizador e retoma os valores da família tradicional: ordem, hierarquia, autoridade e moral frente à suposta libertinagem do campo progressista. Nova direita ou a velha e clássica direita reestruturando-se com novas morfologias? Mesmo sem consenso sobre a terminologia nova direita (Giordano, 2014) o certo é que esta *alternative-right*, direita alternativa (categoria utilizada para diferenciá-la da direita tradicional), que se declarou politicamente para o mundo depois da eleição de Trump, tem algumas características as

quais vale a pena destacar: o combate direto a questões identitárias (antifeminismo, por exemplo) como defesa de uma identidade masculina, heterossexual e cis, claramente antipluralista, que parece estar sob ataque; o combate ao conhecimento científico, a utilização de *fake-news* e a exploração do senso comum na dinâmica da pós-verdade demagógica, a qual entende o adversário político como inimigo a aniquilar; a utilização de narrativas antipolíticas e a estimulação do descrédito institucional e político e o sentimento de repúdio e vergonha (a política não serve, a política é corrupta, suja) e apresentação de si mesma como anti-*mainstream*, *outsiders* e anti-*establishment*; o uso do discurso de ódio legitimado como sendo liberdade de expressão; banalização do ódio ou apresentando-o com roupagem juvenil, folclórica, “memeficado”; a proximidade com os “perdedores da globalização”, as classes médias e também as classes populares, estas últimas que, tradicionalmente, votaram em partidos de esquerda, mas que hoje se sentem traídas por estes mesmo partidos; a teatralização, utilização das redes sociais como canais de comunicação e proximidade com a população; a utilização de uma narrativa combativa contra as elites políticas e a construção do discurso meritocrático do *self-made man* da centralidade do trabalho e esforço individuais (Drolet 2014, Hawley 2017, Urban 2014)

2. Bolsonaro no Brasil

A onda bolsonarista atropelou a política brasileira com uma força inesperada. Jair Bolsonaro ganhou as eleições com oito segundos de campanha televisiva, conseguiu que o até então insignificante Partido Social Liberal (PSL) obtivesse 52 deputados desafiando as análises clássicas da ciência política, as quais assumiam, categoricamente, que sem tempo suficiente de horário eleitoral gratuito e sem um partido político expressivo não havia chance nenhuma de o candidato chegar ao Planalto.

Como se isso não bastasse, alguns dos novos deputados estaduais e federais do PSL tiveram votações estrondosas, como Eduardo Bolsonaro, o deputado federal mais votado da história, com mais de 1,8 milhão de votos, e Janaina Paschoal, eleita deputada estadual por São Paulo com uma votação recorde de mais de 2 milhões de votos.

Paralelamente, candidatos absolutamente desconhecidos no cenário político se elegeram como governadores, dizimando políticos tradicionais. Em Minas Gerais, Romeu Zema, do Partido Novo, foi eleito com 71,8% dos votos, aniquilando o histórico Antonio Anastasia. Nos comentários finais do debate eleitoral ao governo de estado de Minas Gerais, da Rede TV Globo Minas, ele declarou que “aqueles que querem mudança, com certeza, podem votar aí nos candidatos diferentes, que é o Amoêdo e o Bolsonaro”. Da mesma maneira, no Rio de Janeiro, o ex-juiz Wilson Witzel, do Partido Social Cristão (PSC), se impôs frente a outro histórico da política carioca, Eduardo Paes. Witzel, que tinha começado a disputa pelo governo de estado do Rio de Janeiro com um dígito de intenção de voto, costurou uma aliança com Flávio Bolsonaro, pediu votos para o presidenciável no último debate de governadores da Rede Globo e apareceu na última live no Facebook de Jair Bolsonaro. Ganhou 3,1 milhões de votos.

No Brasil, Bolsonaro segue a trajetória de Donald Trump, Itália com Matteo Salvini ou Hungria com Viktor Orbán. Consegue capturar a insatisfação causada pelas crises econômica e política nacionais, aqui exacerbadas pelos escândalos de corrupção, e transformar a insatisfação em potência eleitoral. Segundo a lógica de Bolsonaro, a culpa da situação atual em que se encontra Brasil é do sistema político no seu conjunto. Os partidos políticos clássicos estão no coração dessa crítica porque eles formariam o sistema, são o centro do fisiologismo político. O Partido dos Trabalhadores (PT), que no início de sua trajetória partidária também representava uma alternativa fora do mainstream, foi absorvido pela dinâmica da governabilidade, e portanto não poderia mais representar uma alternativa antissistema. Estamos diante de uma tendência política que não tem em seu centro questões programáticas ou propositivas, mas é construída a partir da negação: o movimento é não apenas antipetista mas antipartidário; não apenas antipartidário mas antissistêmico. O que efetivamente se pretende construir a partir daí não fica muito claro. É a política dos antagonismos. A rejeição de alteridades se tornou uma força eleitoral irresistível.

Tais elementos discursivos já estavam colocados e soavam com força desde o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, momento em que se constrói e se fortalece a base social de Bolsonaro. Ruas e redes se realinharam contra o PT. As ruas, tradicionalmente espaço de grupos autodenominados de esquerda, passaram a ser ocupadas por novos protagonistas: camisetas verde-amarelas, bandeiras de Brasil, gritos

nacionalistas. O repertório patriótico, com manifestantes portando bandeiras, e vestidos de verde-amarelo, que já estava mais timidamente presente em 2013, explodiu em 2015 e 2016 nas maiores cidades brasileiras, fundamentalmente em São Paulo. Segundo o Datafolha, 82% dos presentes na manifestação da Avenida Paulista do dia 16 de março de 2016 tinham votado em Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que se enfrentou a Dilma Rousseff no segundo turno das eleições presidenciais do 2014, 76% tinham curso superior e 68% renda igual ou superior a cinco salários mínimos.

Nas pesquisas que realizei com Pablo Ortellado e Lucia Nader durante as manifestações pró-impeachment em São Paulo, ao longo de 2015, a pré-bolsonarização social já era, em retrospecto, evidente. Nossa proposta era entender o perfil político e ideológico dos manifestantes e as motivações que os levavam às ruas. Tínhamos a intuição de que, por trás de um evidente antipetismo, escondia-se um sentimento de rejeição antissistema mais profundo e complexo. Para tanto, aplicamos uma série de pesquisas quantitativas, que tentavam avaliar o perfil dos manifestantes em temas como confiança em partidos e lideranças, valores, moral e identificação política. A aplicação de questionários continuou ao longo dos anos 2016 e 2017, e conseguimos obter uma imagem bastante significativa da dinâmica progressiva de construção de negações políticas que iria sustentar, em 2018, a candidatura de Bolsonaro. A média do número de questionários aplicados era de quinhentos por protesto, e a margem de erro, menor que 5%.

Na manifestação contra o PT de 16 de agosto de 2015 realizada na avenida Paulista, 96% dos manifestantes declararam que não estavam satisfeitos com o sistema político. 73% afirmava não confiar nos partidos e 70% não confiar nos políticos. O antipartidarismo e a rejeição da figura do político tradicional apareciam com muita força. Quando perguntamos quem inspirava mais confiança, o nome de Bolsonaro já aparecia em primeiro lugar: 19,4% dos entrevistados confiavam muito nele. Naquela mesma manifestação, apenas 11% dos presentes disseram confiar no histórico da centro-direita, o PSDB (partido no qual tinham votado majoritariamente) e 1% no então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o partido que iria ocupar a Presidência da República com Michel Temer depois do impeachment. Já estávamos então diante do prelúdio do que seria a sangria eleitoral tucana de 2018. Igualmente,

formulamos uma série de possibilidades como resposta à pergunta “quem poderia resolver a crise brasileira?”. Das opções propostas pela nossa equipe de pesquisa, 56% já concordavam total ou parcialmente que “entregando o poder a alguém de fora do jogo político”, 64% para “um juiz honesto”, e 88% para um “político honesto”. Era a construção progressiva das figuras de Bolsonaro (outsider tido como honesto) e do juiz Sergio Moro como salvadores da nação. A solução deveria vir de fora do sistema. Diante de um cenário de percepção de aumento da corrupção política, valores como honestidade e ética apareciam como imprescindíveis no protótipo do político desejável.

Além desses discursos, os grupos que organizaram as manifestações, principalmente Movimento Brasil Livre (MBL), Vem para a Rua, Revoltados On-Line, mobilizaram com uma potência enorme o discurso antipetista, que em frequentes ocasiões derivava para um anticomunismo em moldes retóricos que remetiam aos tempos de Guerra Fria. Esse antipetismo estava marcado por um forte conteúdo de classe e anti-igualitarista. Nosso trabalho como pesquisadores foi capturar as frases que eram mais compartilhadas nas redes sociais nesse contexto e testar o grau de adesão a elas nas ruas. Em São Paulo, no protesto de 12 de abril de 2015, comprovamos a adesão a certas afirmações de conteúdo anti-igualitário que circulava nas redes sociais. Escolhemos frases que eram muito compartilhadas em páginas conservadoras ou de direita no Facebook (como a do MBL, do Vem para a Rua o do próprio Jair Bolsonaro) e as incluímos nos questionários para testar sua aceitação entre os manifestantes: 60,4% deles concordaram que “Bolsa Família financia preguiçoso” e 70,9% que “as cotas raciais geram mais racismo”. Era a lógica da classe média tradicional, os *tax payers*, que se sentem abandonados pelo governo ao mesmo tempo que rejeitam a mobilidade ascendente dos mais pobres. Uma retórica antipetista com fortes traços de antiesquerdismo e anticomunismo e já com uma presença das *fake news*.

No mesmo protesto de abril de 2015, também testamos algumas das *fake news* que mais estavam circulando nas mesmas páginas de direita no Facebook: 71% dos entrevistados concordaram com que Fábio Luís Lula da Silva, filho do ex-presidente Lula, era sócio da Friboi; 56% que o Foro de São Paulo queria criar uma ditadura bolivariana no Brasil e 42% que o PT tinha trazido 50 mil haitianos para votar por Dilma Rousseff em 2014. Na mesma linha, para 64% dos entrevistados, o PT queria implantar um regime comunista no Brasil. Ou seja, a simbiose entre petismo, esquerdismo e



comunismo estava sendo construída. Finalmente, como motor da retórica antipetista, estava a corrupção. Para 85% dos entrevistados, os desvios da Petrobras eram o maior escândalo de corrupção da história brasileira. A Lava Jato já estava se situando como elemento fundamental de criminalização petista e da bolsonarização política.

Depois desse ciclo de pesquisas com manifestantes pró-impeachment, eu continuei fazendo pesquisas durante os anos 2017 e 2018, dessa vez entrevistando eleitores de Bolsonaro na cidade de São Paulo pertencentes a diversos perfis sociodemográficos. Foi um exercício de escuta desse segmento. A metodologia usava entrevistas em profundidade, com duração de uma a duas horas, em que os entrevistados explicavam livremente seu voto em Bolsonaro e podiam desenvolver sem limite de tempo seus argumentos sobre questões políticas, sociais e morais. Foram trinta pessoas entrevistadas de diversas rendas, regiões da cidade, idade, sexo e cor. Meu intuito era avaliar se os fatores que já tínhamos captado nos protestos pró-impeachment tinham evoluído no sentido de configurar o campo político bolsonarista. Começava a ficar claro para mim, já em 2017, que muitos dos presentes nos protestos anti-PT de 2015 e 2016, em sua maioria votantes do PSDB, estavam mudando sua opção eleitoral, em favor de Bolsonaro, esvaziando assim o campo tucano. Os elementos antissistema, antipartidarismo, antipetismo e antiesquerdismo seriam, de acordo com minhas pesquisas, fatores essenciais para a vitória do próximo presidente brasileiro, elementos esses que já estavam germinando no contexto do impeachment. Passo agora a detalhar o resultado desse segundo ciclo de pesquisas mais atual com simpatizantes de Bolsonaro, analisando as falas dos entrevistados.

Uma das questões que com mais insistência aparecem nas entrevistas como legitimadoras do voto em Bolsonaro é que ele representaria “alguém diferente”, um outsider e, mais ainda, um antissistema, alguém capaz de enfrentar uma lógica política totalmente corrompida. A palavra “esperança” atrelada à figura de Bolsonaro se apresentou em 23 das trinta entrevistas. Essas pessoas diziam sentir esperança num possível governo dele por entender que só um político com as características de Bolsonaro poderia mudar o cenário político brasileiro. Um político diferente porque seria honesto e autêntico, firme o suficiente para não se deixar levar pela roteirização da política. O marketing de Bolsonaro consegue transformar o antigo deputado federal numa figura anti-mainstream, capaz de capturar o voto de protesto, frustração e raiva

contra o sistema político. Os partidos tradicionais são percebidos como indistintos, fisiológicos e preocupados com os próprios privilégios. Assim como nas manifestações pró-impeachment, durante a campanha eleitoral também o antipetismo foi o elemento discursivo e estético mais evidente, mas o antipartidarismo alcançou de forma contundente legendas políticas tradicionais como PSDB ou MDB, e é crucial para entender a migração de voto desses grupos para a candidatura de Bolsonaro. É a concepção binária do velho frente ao novo como nova categoria de enorme impacto político. O velho é rejeitado e a novidade política aparece como um valor em si mesma.

Eu voto no Bolsonaro como desabafo. Porque ele é diferente. Sei que ele era deputado federal, mas nunca se meteu em corrupção, nunca foi como eles. Não se vendeu. E ainda ele não vai ter medo de mudar as coisas porque não tem rabo preso. Eu votava no PSDB, mas não voto mais, são iguais ao PT, só tem corrupto. A mesma coisa. Bolsonaro vai romper com tudo isso aí.
[Entrevistada M, 40 anos, classe B]

A corrupção se situa no centro dos argumentos do menosprezo pelo sistema. Não só os políticos profissionais seriam “sujos” e corruptos, como o próprio fazer político desperta afetos negativos como vergonha e rejeição. Arelada à ideia de negação da política como atividade eminentemente corrupta, está a Operação Lava Jato. Todos os entrevistados são seus apoiadores. Durante as entrevistas, reiteram a importância vital da operação para a política brasileira e argumentam como esta traz benefícios para toda a sociedade. Falam de como a Lava Jato marca um antes e um depois na história nacional — porque seria a primeira grande operação de combate à corrupção que realmente procura punir os responsáveis — e exigem que ela continue como política permanente, mas, como revelam suas falas, esse entusiasmo é menos do ponto de vista institucional e mais relacionado ao desejo de uma justiça messiânica do inimigo. O juiz Sergio Moro aparece caracterizado nas entrevistas por conceitos como herói, salvador, alguém que “tem uma tarefa”, “é um enviado”, e, ainda mais, “vai limpar Brasil” dos políticos corruptos que, numa visão moralista e dualista da justiça, representam o mal, o inimigo a ser exterminado. Nas falas dos entrevistados, o conceito “limpar” aparece muito mais do que o conceito “fazer justiça”. O processo penal do espetáculo, com o juiz que assume uma figura militante e as operações contra a corrupção como forma de criminalização teatralizada da política, aumenta o sentimento coletivo de que a política é uma tarefa desprezível e portanto deve ser negada e, inclusive, combatida.

Eu apoio totalmente a Lava Jato. Moro é nosso herói. Ele vai limpar Brasil desse câncer. E nada de direitos dos corruptos. Quer direito, não roube. Roubou e ainda quer direitos? Está de sacanagem comigo. Coitadinhos, né? [Entrevistado C, 35 anos, classe C]

Junto à desaprovação da política e dos políticos tradicionais surge muito marcadamente nas entrevistas a narrativa da meritocracia e do hiperindividualismo: a política é desprezível, o caminho é o esforço pessoal. É a lógica da negação do coletivismo em prol do esforço individual.

Os políticos e o Estado intervêm demais em tudo. Deixem as pessoas trabalharem em paz que elas resolvem. Com trabalho a gente consegue tudo. [Entrevistada D, 55 anos, classe B]

Ao lado da negação da política como atividade coletiva, o antiesquerdismo foi um dos elementos mais explorados pela campanha de Bolsonaro. Um dos fatos mais interessantes no nível simbólico da campanha foi assistir ao ressurgir do anticomunismo na propaganda eleitoral. O antipetismo tão presente durante as manifestações pró-impeachment transformou-se num antiesquerdismo raivoso. Vale lembrar que as classes médias brancas brasileiras votaram preferencialmente em Bolsonaro. Como já falamos, o anti-igualitarismo, e, muitas vezes, o ataque expresso e direto aos mais pobres, formam parte da construção da lógica antipetista. Explora-se, inclusive durante a propaganda eleitoral televisiva de Bolsonaro para o segundo turno, o medo da volta do PT ao poder. Na primeira inserção televisiva do segundo turno, a propaganda eleitoral de Bolsonaro exibiu supostas conexões petistas com o Foro de São Paulo, mostrando na TV um áudio do ex-presidente Lula sobre a criação do Foro que, segundo a propaganda eleitoral, seria “um grupo político com ideologia comunista de esquerda liderado por Lula e Fidel Castro” criado na América Latina ao mesmo tempo que a “Europa se libertava do marco do comunismo”. Paralelamente ao vídeo, reiterava a relação petista com a Venezuela e os países bolivarianos. A velha retórica do perigo vermelho e do fantasma do comunismo.

Vale lembrar que nas manifestações de 2015 a relação entre comunismo e PT já estava sendo fortemente construída por grupos como o MBL ou o Vem para a Rua. Embora não fosse objeto de nossas pesquisas, já em 2015 havia manifestantes que, se sentindo provocado pelas nossas perguntas, reagiam aos pesquisadores, talvez tentando

legitimar as respostas que davam com comentários como “a Rede Globo é comunista” ou diziam que o então Ministro de Fazenda, Joaquim Levy, queria implementar um regime econômico comunista no Brasil. Em 2018, a narrativa do perigo da bolivarianização da política, a demonização de Venezuela e a construção do nexo Venezuela-comunismo-PT é potencializada ao extremo.

Pera aí, o PT só governa para os pobres. Bolsa Família, bolsa esmola, bolsa não sei o quê. A gente que é classe média e paga impostos, nada. Ainda são a maior quadrilha deste país e nos botaram na maior crise da história. Se eles ganharem de novo aqui vai virar Venezuela, vai virar um regime comunista e a gente vai ter de sair de aqui. Vai ser um caos. [Entrevistado J, 20 anos, classe A]

Mas o antagonismo não é só erguido sobre o PT. Durante a campanha de Bolsonaro, a figura do inimigo sofre um alargamento que contempla todo o campo progressista. A campanha construiu o simbolismo de que as esquerdas seriam uma categoria polissêmica que abrangia ativistas pelos direitos humanos, professores e manifestantes. Em grupos de WhatsApp, em conversas entre bolsonaristas e nas próprias redes sociais do MBL ou do Bolsonaro era muito recorrente ler ou escutar que esses grupos seriam um “bando de vagabundos”, que “mamam das tetas do Estado” e “querem direitos para bandidos”, na lógica binária do cidadão de bem, que se encaixa nos padrões conservadores e meritocráticos, e o bandido, todo aquele que se opõe a essa figura. Professores são atacados pelo MBL, por seguidores de Bolsonaro, por deputados do PSL porque estariam doutrinando os alunos e transformando as salas de aula em palanque político. É a lógica do Escola sem Partido: um ensino neutro, despolitizado, desideologizado frente à perversão política e partidária das salas de aula.

O anti-intelectualismo é um assunto que se destacou muito na campanha. Professores e intelectuais, assim como políticos, são intermediadores cujo papel é colocado em questionamento. Por que devo aceitar uma política conduzida por políticos profissionais? Por que devo aceitar verdades científicas e acadêmicas validadas por intelectuais? É a negação daqueles que tradicionalmente atuaram como mediadores entre os indivíduos, o conhecimento e a participação política.

A candidatura de Bolsonaro foi erguida e potencializada na negação das diferenças políticas e na moralização do debate público, apresentando os adversários como inimigos não só de ordem política, mas também de ordem moral e religiosa. É a

política da inimizade. O outro é o negativo absoluto, o mal, aquele que ameaça minha forma de existência e, portanto, deve ser exterminado. Obviamente se trata de apelo contínuo ao medo e de manipulação dos afetos negativos como instrumento político. Nesse sentido, para atacar o campo progressista e acadêmico, vale todo tipo de investida, mas preferivelmente as morais, como apresentar esses atores como aqueles que negam a possibilidade de existência da família tradicional cristã (questões envolvendo sexualidade, e frequentemente sexualidade infantil, foram muito eficazes). A história nos ensina como é efetiva em muitos momentos a instrumentalização das repressões e dos medos sexuais. As esquerdas são uma ameaça não só para a ordem social e para o modelo que as relações sociais deveriam seguir, mas também para a própria integridade de nossas crianças. Quem não teria medo desse perigo?

Eles querem acabar com a família, ensinar a criança a ser gay na escola. É uma crise moral e de valores que não vou permitir. [Entrevistada A, 52 anos, classe C]

Esse ataque frontal ao campo progressista inclui também o ataque às denominadas pautas identitárias. Os avanços nos campos político, social e cultural durante as décadas dos movimentos feminista, LGBT e negro são inegáveis. O ideário saudosista masculino da família tradicional heteronormativa e patriarcal está sob ataque. Nesse sentido, para muitos dos votantes de Bolsonaro, PT, professores, manifestantes, feministas, todos formam parte de uma estrutura social e política que desestabiliza as hierarquias sociais clássicas e, portanto, coloca em risco as categorias sociais tradicionais que muitos utilizam para ordenar seu mundo: indivíduos que se sentem agredidos quando duas pessoas do mesmo sexo se beijam na rua ou quando observam que a visibilidade das pautas feministas é cada vez mais cotidiana. É a revolta do homem branco heterossexual que enxerga privilégios demais nas lutas identitárias.

Se você for mulher tem privilégios, se for gay também, se for negro. E a gente? Se você for homem e macho ninguém nem está aí para você. [Entrevistado J, 39 anos, classe B]

2.1 Evangélicos com Bolsonaro

Bolsonaro cita com frequência nas suas aparições públicas o versículo bíblico, João 8:32 “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” Embora cristão, se batizou em 12 de maio de 2016 no Rio Jordão pelo Pastor Everaldo, presidente do Partido Social Cristão (PSC). A palavra Deus foi uma das mais repetidas tanto na sua campanha



como no seu discurso de posse dia 1 de janeiro de 2019 em Brasília. Pesquisa Datafolha de 25 de outubro de 2018 estimou o número de votos válidos para Bolsonaro por segmento religioso: 29.9% católicos, 21.7% evangélicos frente a 28.7% católicos e 9.7% evangélicos dos votos válidos que foram para Fernando Haddad. O universo evangélico se posicionou com Bolsonaro por uma ampla margem. Em 30 de setembro de 2018, o bispo Edir Macedo, fundador e líder da poderosíssima Igreja Universal do Reino de Deus, que sempre apoiou ao PT até 2016 quando votou a favor do impeachment, utilizou seu Facebook para fazer público seu apoio ao então candidato Jair Bolsonaro. Um simpatizante de Bolsonaro questionou ao bispo por twitear "queremos saber bispo do seu posicionamento sobre a eleição pra presidente". Macedo respondeu: "Bolsonaro". Com esta declaração o bispo deixava claro que sua história política de apoio ao PT terminava, para apoiar a seu maior adversário político. A também poderosíssima Assembleia de Deus optou igualmente por Bolsonaro. O candidato inicial do bispo Silas Malafaia, a liderança da Assembleia, que já foi pró-Lula em 2002 apoiou a Marina Silva em 2010 e Aécio Neves em 2014 em março de 2018 passou a olhar para Bolsonaro. As duas principais igrejas evangélicas de Brasil tinham entrado em corpo e alma nas eleições e ambas no lado antipetista.

O neoconservadorismo evangélico emerge no Brasil com força principalmente em 2002, com a visão de que a família tradicional está ameaçada e ainda recuperando a debate anticomunista. A Frente Parlamentar Evangélica (FPE) foi criada em 2003. Desde então sua influência e importância não deixa de crescer. Na legislatura iniciada em 2011 a FPE teve uma forte atuação no campo do conservadorismo moral com a defesa da família e valores cristão contra os movimentos feminista e LGBT. O atual prefeito do Rio de Janeiro, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e sobrinho de Edir Macedo, Marcelo Crivella é nomeado Ministro da Pesca e da Aquicultura em 2012. O pastor fundamentalista Marco Feliciano, a partir de sua indicação para a Comissão de direitos Humanos e Minorias do Congresso Nacional deu força ao Partido Social Cristão, para sair da base de apoio para a reeleição da presidente Dilma Rousseff em 2014 e apresentar seu próprio candidato, o Pastor Everaldo. Os partidos e políticos evangélicos estavam conquistando seu espaço rapidamente. Já na campanha eleitoral de 2010, o sociólogo especialista em religião Antônio Flávio Pierucci dizia: “*Não lembro, e certamente ninguém há de lembrar, de uma campanha eleitoral em que a intromissão da religião tenha sido tão grande e ido tão longe*” (Pierucci, 2011, p. 5), destacando a



retórica religiosa do então candidato tucano José Serra quem chegou inclusive a distribuir santinhos com o lema “Jesus é a verdade e a justiça”, frase dita por ele mesmo durante o primeiro turno eleitoral, dia 7 de setembro de 2010 em visita à Expo Cristã: “Não sou cristão de boca de urna...Jesus é a verdade e a justiça, valores que fazem bem ao povo e que faria bem na política. Verdade e a justiça é o que o povo deseja.”³

Outras figuras evangélicas que nesta eleição deram seu voto a Bolsonaro também foram passadas aliadas do PT, como é o caso dos pastores Marcos Feliciano ou de Magno Malta, cujos partidos, PSC e Partido da República (PR) formaram parte da base governista durante na presidência de Dilma Rousseff. Na sua tese de doutorado Valle (2018) lembra que, o fato destes partidos e figuras evangélicas estarem na base governista não significa que tivessem um convívio harmónico e lembra momentos de embate ideológico, por exemplo, em relação ao terceiro Plano Nacional de Direitos em 2009 no governo Lula e diversas diretrizes educacionais que visavam combater a homofobia, discutir a temática de gênero e expandir o conceito de família nas escolas, que foram provocando um distanciamento destes grupos pautado nas divergências morais sobre temas familiares e sexuais, principalmente, contra o aumento de direitos para os grupos LGBT. Outro momento de tensão foi a discussão sobre o material escolar “escola sem homofobia”, em 2013, que teve como grandes críticos Silas Malafaia, Marcos Feliciano, Magno Malta o Jair Bolsonaro com o conceito “ideologia de gênero” começando a circular não só entre evangélicos, mas também entre católicos.

Continua explicando Valle que, embora existissem estas divergências entre PT e vários grupos evangélicos, fundamentalmente pentecostais e neopentecostais, a novidade já presente nas eleições presidências de 2014, que ganha mais força nas municipais de 2016 e se consolida em 2018, é a disposição dos pastores de realizar um discurso de enfrentamento com o PT nas igrejas. Na sua pesquisa sobre a Assembleia de Deus Ministério de Belém em Campo Limpo, São Paulo, afirma que a partir de 2014 a verbalização do antipetismo dentro da igreja começa a ser veemente sobre tudo a partir dos debates sobre pautas relativas aos grupos LGBT e corrupção. A partir de 2014 não só percebe esta mudança nas lideranças senão também entre os fieis, inclusive os que tinham votado no PT, entre os quais se observa uma mudança na trajetória política

³ Disponível em <https://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/15/serra-distribui-santinho-com-frase-jesus-e-a-verdade.jhtm> Data da última consulta 01-02-2018

com uma progressiva decepção com o governo Dilma fundamentalmente a causa da piora econômica e a centralidade do discurso anticorrupção. No dia 6 de abril de 2016 a Frente Parlamentar Evangélica declarava seu apoio ao impeachment de Dilma Rousseff. Dos 81 deputados que compõem a Frente Parlamentar Evangélica, também conhecida como Bancada Evangélica, um não compareceu e 75 votaram a favor da admissibilidade do impeachment.

Segundo informações do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), com base nos dados disponíveis no portal do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) 2014 havia 75 deputados federais seguidores da doutrina evangélica agrupados em 18 partidos. Entre as 14 denominações com deputados federais, a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus tinham 36. Os deputados da Assembleia de Deus estão mais pulverizados em diversos partidos enquanto que o vínculo institucional dos deputados da Igreja Universal se centraliza no PRB. Em 2018 foram eleitos 84 deputados federais identificados com a crença evangélica. A partir da participação política destes deputados podem se identificar os principais campos de ação sendo os principais temas relativos à religião, pautas LGBT ou mulher. Assembleia de Deus, em suas subdivisões, tem sido protagonista em levantar algumas bandeiras morais polêmicas. Três projetos são emblemáticos. O primeiro é o PL 478/2007, Estatuto do Nascituro, o qual propõe estender os direitos do Estatuto da Criança e do Adolescente ao feto, a começar pelo direito à vida. O segundo é o Estatuto da Família, PL 6583/2013, que a define como constituída tão somente a partir da união de um homem com uma mulher. Por fim, o apelidado “Cura Gay”, PL 4931/2016, que possibilita que os psicólogos possam tratar a pessoas LGBT em terapias de reorientação sexual. A Frente Parlamentar Evangélica tem uma atuação intensa no impedimento da aprovação de projetos como o PL 122/2006 (Lei anti-homofobia), ou o PL 612/211 que permite o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo.

No plano da política institucional, estes grupos exibem um claro moralismo, mas também muitas lideranças evangélicas militam declaradamente por uma agenda liberal. Por exemplo, na campanha presidencial de 2014, o candidato Pastor Everaldo, com 0,75% dos votos, fez o discurso que combina menor presença do Estado na economia e mais regulação jurídica da moralidade pública. O então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, foi protagonista na aprovação, em primeira instância, do

Projeto das Terceirizações’ que contou com o voto da Frente Parlamentar Evangélica. (Almeida, 2017)

2.2 Forças Armadas com Bolsonaro

Em 2018, sete em cada dez brasileiros (68%) declararam não ter confiança nos partidos políticos, 67% declararam não ter confiança no Congresso Nacional (o índice mais alto da série histórica), e 64%, na Presidência da República. Em contrapartida, as Forças Armadas foram avaliadas como a instituição mais confiável de Brasil para a maioria da população. Nove em cada dez (78%) disseram confiar nas Forças Armadas.⁴ Em paralelo ao discurso antipartidarista e de rejeição à forma tradicional de fazer política, as Forças Armadas ganham credibilidade no espaço público brasileiro.

Os militares ganharam muito espaço político no governo Temer. Por primeira vez desde que o Ministério da Defesa foi criado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, um militar, o General Joaquim Silva e Luna foi nomeado Ministro da Defesa. Muito importante também no gabinete Temer, foi a figura do General Sérgio Etchegoyen chefe do Gabinete de Segurança Institucional. Se bem o uso do instrumento GLO (Operações de Garantia da Lei e a Ordem), que outorga poder de polícia às Forças Armadas, não é novo, com Temer foi a primeira vez que este foi decretado em todo o território nacional. Em maio de 2018 no contexto das manifestações de caminhoneiros que começou 21 de maio de 2018 com a pauta da diminuição do preço do diesel. A professora Rosana Pinheiro-Machado que mergulhou nos protestos, narra como estes transformaram-se em manifestações contra Temer e a favor de uma intervenção militar para “botar ordem na casa e na roubalheira do governo Temer”. O apelo militarista soava alto e claro.⁵ As atuais operações de Garantia da Lei e da Ordem, que militarizam a segurança pública, foram criadas em 1999. Segundo a lei, cabe ao presidente da República decretar a operação, sempre que estiverem "esgotados os instrumentos (polícia, bombeiros etc) destinados à preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio". A partir de 2010, as GLO tiveram maior uso crescente

⁴ Dados completos disponíveis em <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1971972-partidos-congresso-e-presidencia-sao-instituicoes-menos-confiaveis-do-pais.shtml> Data da última consulta 01-12-2018

⁵ Pinheiro-Machado, Rosana “Nós só vamos parar quando Temer cair” Disponível em <http://rosanapinehiromachado.com.br/pt/nos-so-vamos-parar-quando-o-temer-cair-um-relato-de-uma-tarde-supreendente-com-os-caminhoneiros/> Data da última consulta 08-10-2018

nos anos 2014 e 2016 no contexto da Copa de Mundo e Olimpíadas, mas foi a partir de 2016 quando a utilização deste dispositivo cresceu, devido, fundamentalmente, às crises do Sistema Prisional e paralisações da Polícia em diferentes estados, como a greve policial em Espírito Santo em 2017 e a uma visão securitizada da sociedade.

Outro momento decisivo na utilização das Forças Armadas no âmbito da segurança pública foi a intervenção federal de caráter militar no Rio de Janeiro em 16 de fevereiro de 2018 com o interventor, o General Exército, Walter Souza Braga Netto, passando a ter comando direto sobre as polícias estaduais, sobre o Corpo de Bombeiros e sobre a Secretaria de Administração Penitenciária até 31 de dezembro desse ano. Em março de 2018, 76% da população carioca apoiava uma intervenção federal na segurança pública. Nessa mesma época, 92% dos moradores de Rio de Janeiro tinham medo de serem atingidos por uma bala perdida. A intervenção foi justificada em base a uma perda de controle do aparelho estadual de segurança pública, porém, segundo dos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2017, o estado que teve maior taxa de mortes violentas não foi Rio de Janeiro, senão Rio Grande do Norte, com 68 mortes violentas por 100.000 habitantes, seguido de Acre, com 63.9, Ceará, com 59.1 e Pernambuco, com 57.3. O Estado de Rio de Janeiro aparecia como o 11º colocado, com 40.4. Em relação às capitais, tampouco Rio foi a mais violenta, foram Belém, com 67.5 e Natal com 67.2⁶ Os dados de vitimização de Datafolha também indicam que a vitimização de Rio de Janeiro é similar a media nacional. À pergunta “você foi vítima de uma agressão física em casa ou na rua?” 6.4% dos cariocas responderam que sim em março de 2018 frente a 5.3% no nível nacional. À pergunta “você foi roubado ou assaltado em casa, no transporte ou na escola/trabalho?” 17.7% dos cariocas responderam que sim frente a 16.0% no nível nacional⁷ A intervenção, portanto, não parecia responder a critérios de segurança e sim a decisões políticas. Muitos analistas a criticaram na época como sendo uma operação teatral, desnecessária, perigosa, cara e que simplesmente buscava aumentar a popularidade do tão impopular Michel Temer. Uma visão populista e militarizada da segurança pública que é muito eficaz como estratégia político-eleitoral. Segundo o Observatório da Intervenção, do Centro de

⁶Dados completos disponíveis em http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Anu%C3%A1rio.pdf Data da última consulta 02-12-2018

⁷Dados completos disponíveis em http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/04/FBSP_Rio_sob_Intervencao_2018_relatorio.pdf Data da última consulta 02-12-2018



Estudos de Segurança e Cidadania, da Universidade Cândido Mendes, no período de fevereiro-dezembro de 2018 houve 8193 tiroteios (5238 no mesmo período de 2017), o número de mortos pela polícia aumentou 40% em relação ao ano anterior, os homicídios dolosos foram reduzidos só em 5.5% e os roubos de rua aumentaram em 3.9%⁸ Neste período foram realizadas 668 operações monitoradas, com 240 mortos em operações. 103 agentes morreram no período.

Aumentando ainda mais a militarização política do governo Temer, o espaço dado aos militares no governo Bolsonaro será o maior desde a redemocratização. Serão cinco os Ministros com origem nas Forças Armadas, o próprio Bolsonaro que é ex-capitão e seu vice-presidente, o General Hamilton Mourão. Além desta presença militar no governo, a retórica militarista de Bolsonaro tem estado presente durante toda a campanha. Segundo seus discursos eleitorais, a “mão dura” é a única forma de lutar contra o crime. As únicas medidas propostas no seu programa eleitoral sobre segurança pública, têm sido a flexibilização do porte de armas, o endurecimento do Código Penal, a redução da maioridade penal de 18 a 16 anos e a valorização das polícias (incluindo uma maior permissividade para a letalidade policial)

Ao mesmo tempo em que falamos em militarização do gabinete de Bolsonaro, devemos lembrar a militarização do Congresso Nacional. Como falamos no apartado anterior, os políticos evangélicos se organizam em Brasil ao redor da Frente Parlamentar Evangélica, popularmente conhecida como Bancada da Bíblia. Na segurança pública temos o mesmo formado. Ex-militares, policiais, bombeiros forma a Frente Parlamentar da Segurança Pública, conhecida como Bancada da Bala com uma ideologia securitária punitiva e projetos como a defesa da revogação do Estatuto do Desarmamento, a redução da maioridade penal, o endurecimento penal, com o apoio da indústria de armas, como a empresa Taurus e a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC). Segundo o levantamento do Congresso em Foco, em 2019 esta bancada deve passar de 36 parlamentares nacionais para 102, com 93 deputados e 18 senadores (não tinha nenhum em 2014) sendo grande parte da bancada integrantes do Partido Social Liberal. Reunindo todos os parlamentos estaduais 73 policiais e militares foram eleitos em 2018 para cargos legislativos. Em 2014 eram 18. Dos 73 policiais e militares eleitos

⁸ Dados completo disponíveis em https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2018/12/Info_Observatorio_10meses.jpg Data da última consulta 02-12-2018



neste ano, 43 estão filiados ao PSL. Alguns casos são estarrecedores, como o da cabo da Polícia Militar de SP Kátia Sastre, que matou um criminoso na porta de uma escola em Suzano (SP) e foi eleita como sétima deputada federal mais votada de São Paulo utilizando as imagens da morte dele captadas pelas câmeras de segurança na sua propaganda eleitoral. O tenente-coronel Luciano Zucco (PSL) foi o campeão de votos entre os deputados estaduais de Rio Grande do Sul. No Mato Grosso do Sul, os deputados estaduais mais votados foram o capitão do Exército Renan Contar (PSL) e o Coronel da PM e ex-Comandante Geral da PM Carlos Alberto David dos Santos (PSL)⁹

3. Conclusões

Jair Bolsonaro não só será o novo presidente de Brasil. A bolsonarização da sociedade é um fenômeno complexo e multifatorial que irrompeu nossa realidade com muita força. Elementos que são altamente corrosivos para a democracia, como a retórica antissistema e a instrumentalização dos anseios de renovação política, o louvor a uma justiça messiânica, o antipartidarismo, a visão do adversário político como inimigo a ser aniquilado, o anti-intelectualismo, foram fundamentais na vitória de Bolsonaro junto ao apoio das principais igrejas evangélicas e amplos setores das Forças Armadas.

O paradoxo em que nos encontramos hoje é que ao mesmo tempo em que a extrema direita no mundo impõe um processo descivilizatório, ela está se colocando como alternativa de futuro para muita gente. Ao mesmo tempo em que se constrói com base em negações políticas, está fazendo com que muitos indivíduos se sintam empoderados politicamente porque não se apresenta como elitista e sim como popular, fazendo apelos contínuos a suas bases e a sua militância e se dirigindo às massas que foram abandonadas pelo sistema político tradicional. A esperança e as respostas, para muitos, não vêm mais da mão dos campos das esquerdas e direitas tradicionais, da socialdemocracia.

Encontra-se diante dos nossos olhos um desafio gigantesco. Só não o enxerga quem não o quiser enxergar. O fenômeno Bolsonaro e a extrema direita mundial, com suas candidaturas enormemente esvaziadas de propostas programáticas e arquitetadas na

⁹ Lista complete dos nomes disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/08/militares-eleitos-2018-camara-senado-assembleia-legislativa.htm> Data da última consulta 02-12-2018

política da inimizade e do grito, têm uma força simbólica enorme, estão mobilizando valores de forma inegavelmente eficaz. A extrema direita seduz porque comunica com aspetos emocionais. Num momento mundial extraordinariamente complexo, em que a maioria das pessoas sente uma evidente insegurança existencial, a comunicação afetiva é um potente motor político. No Brasil, um país cujas feridas históricas não foram fechadas, Bolsonaro consegue mobilizar essas cicatrizes, os ressentimentos, as raivas, as angustias ontológicas de muitos. Nesse sentido, a extrema direita está trazendo a política de volta porque faz a disputa de imaginários e subjetividades, coloca a emoção no centro do debate.

O campo da política institucional, inclusive à esquerda, ficou muito atrelado à força motriz da governabilidade que coloca a política refém das tarefas diárias da negociação, da administração, do cotidiano da burocracia, da logística do poder. A extrema direita, com sua proposta incivilizada, nos lembra que as forças democráticas nunca deveriam ter deixado de lado a disputa pelos simbolismos, os valores e as subjetividades, e pelas formas de entender e estar no mundo. Ela comunica com os valores da negação, com o medo, com o ódio, com a incapacidade de enxergar o outro como ser humano, com os fascismos do cotidiano. O campo democrático deve entender que todos esses afetos formam parte do ser humano, de sua formação como sujeito político, e deve também dialogar com eles, mas da perspectiva da construção do processo civilizatório, incluindo no debate a potência dos afetos positivos e criativos como a esperança, a tolerância ou a possibilidade de uma vida em conjunto. Ele deve sair da política da mediocridade e recuperar a política como força que pensa e move o mundo. Se não o fizer, a lógica antissistema e antipartidária sempre será eficaz, e a captura das emoções por projetos políticos antidemocráticos sempre será viável. A democracia está em jogo.

Referências bibliográficas

- Almeida, Ronaldo “A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo” *Cadernos Pagu*, n.50, junho 2017, 15-38
- Brown, Wendy. “American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and Democratization” *Political Theory* v. 34, n.6, 2016, 690-714
- Castel, Robert. *A insegurança social: o que é ser protegido?* Petrópolis: Vozes, 2005.
- Coelho, Roberto. *Por um fio: o sofrimento do trabalhador na era do capitalismo flexível*, Jundiaí: Paco Editorial, 2013
- Crouch, Colin. *Post-démocratie*. Zurique: Diaphane, 2013.
- Drolet, Jean François. *American neoconservatism: the politics and culture of a reactionary idealism*. Oxford: Oxford University Press, 2014
- Giordano, Verónica. “Qué hay de nuevo en las ‘nuevas derechas’”? *Nueva Sociedad*, n. 254, 2014, 46-56
- Hawley, George. *Making sense of the alt-right*. New York: Columbia University Press, 2017
- Innerarity, Daniel. *A política em tempos de indignação: a frustração popular e os riscos para a democracia*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
- Hunter, James. *Culture Wars: The Struggle To Control The Family, Art, Education, Law, And Politics In America* New York: Basic Books, 1991
- Laval, Chirtian. e Dardot, Pierre. *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Manin, Bernard. *The principles of representative government*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014
- Rosanvallon, Pierre. *El buen gobierno*. Buenos Aires: Manantial, 2016
- Urban, Miguel. *El viejo fascismo y la nueva derecha radical*. Barcelona: Sylone, 2014.
- Valle, Vinicius. *Religião, Lulismo e voto: A atuação política de uma Assembleia de Deus e seus fiéis em São Paulo – 2014-2016*. Trabajo fin de tesis, Universidade Federal de São Paulo, 2018
- Weyland, Kurt. “Neopopulism and neoliberalism in Latin America: how much affinity?” *Third World Quarterly* 2003, 1095-1115

Gestión y política editorial de *Documentos de Trabajo DT* del IELAT

Declaración de objetivos, público y cobertura temática

Documentos de Trabajo DT del IELAT es una publicación con periodicidad mensual y proyección internacional que edita el Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos (IELAT). Su propósito principal es fomentar el conocimiento y el intercambio de ideas a través de la divulgación de la investigación académica y científica de calidad.

La publicación se dirige fundamentalmente a investigadores e instituciones académicas interesados en el debate académico, y comprometidos con los problemas reales de las sociedades contemporáneas. Igualmente, se dirige a un amplio espectro de lectores potenciales interesados en las Humanidades y las Ciencias Sociales.

Su cobertura temática abarca esencialmente temas enmarcados de una manera general en seis líneas principales de investigación: Ciencia Política y Pensamiento Político; Derecho; Economía; Historia; Relaciones Internacionales, Integración Regional y Derechos Humanos, y Relaciones Laborales y Protección Social. No obstante, cualquier tema objeto de especial interés y atención en el mundo académico puede ser publicado en la Serie. *DT* del IELAT es especialmente sensible a los trabajos con planteamientos comparativos y la inclusión de América Latina en sus contenidos.

Todos los trabajos publicados en la Serie de los DT son de acceso abierto y gratuito a texto completo, estando disponibles en la web del IELAT <https://ielat.com/>, de acuerdo con la Iniciativa de Acceso Abierto de Budapest (*Budapest Open Access Initiative BOAI*). Se autoriza, por tanto, su reproducción y difusión, siempre que se cite la fuente y al autor/a, y se realice sin ánimo de lucro. La publicación cuenta una edición impresa idéntica a la digital.

La política editorial de los DT se basa en aspectos que se consideran cruciales como son los relativos a la ética de la investigación y publicación, al proceso de evaluación y a una buena gestión editorial.

Gestión editorial

La gestión de la Serie *Documentos de Trabajo DT* del IELAT es uno de los elementos esenciales de la política editorial. Descansa en la Dirección y la Secretaría Técnica así como en dos órganos: el Consejo Editorial y el Comité de Redacción/Evaluación.

La Dirección, apoyada en la Secretaría Técnica, se encarga de la relación con los autores y todos los demás órganos de gestión editorial y es responsable del buen funcionamiento de los procesos de selección de los textos a publicar, de su evaluación, así como de la publicación final de los trabajos, tanto en la edición digital como en la versión impresa. Los miembros del Consejo Editorial se han seleccionado de acuerdo con principios de excelencia académica y capacidad investigadora. Finalmente, el Comité de Redacción/Evaluación tiene la función fundamental de llevar a cabo la tarea de evaluación de las propuestas de textos para su posible publicación como DT.

La elección de los textos se guía por el criterio de relevancia en su doble acepción de importancia y pertinencia. La originalidad, claridad y calidad del trabajo constituyen las bases para la selección de los textos a publicar. Igualmente, serán factores sobre los que se fundamentará la decisión de aceptación o rechazo de los trabajos la actualidad y novedad académica de los trabajos, su fiabilidad y la calidad de la metodología aplicada. Finalmente, la redacción excelente, la estructura y coherencia lógica y buena presentación formal también se tendrán en cuenta.

Declaración ética sobre publicación y buenas prácticas

La publicación *Documentos de Trabajo DT* del IELAT está comprometida con la comunidad académica y científica para garantizar la ética y calidad de los trabajos publicados. Tiene como referencia los estándares del Código de conducta y buenas prácticas definido por el Comité de Ética en Publicaciones (*Committee On Publications Ethics-COPE*) para editores de revistas científicas: http://publicationethics.org/files/Code_of_conduct_for_journal_editors.pdf. A su vez, se garantiza la calidad de lo publicado, protegiendo y respetando el contenido de los textos así como la integridad de los mismos, y comprometiéndose a publicar las correcciones, aclaraciones, retracciones y disculpas si fuera necesario.

Para el cumplimiento de estas buenas prácticas, la publicación garantiza en todo momento la confidencialidad del proceso de evaluación, el anonimato de los evaluadores y el informe fundamentado



emitido por los evaluadores. De la misma manera, *Documentos de Trabajo DT* declara su compromiso por el respeto e integridad de los trabajos ya publicados.

Por esta razón, el plagio está estrictamente prohibido y los textos que se identifiquen como plagio o su contenido sea fraudulento no se publicarán o serán eliminados de la publicación con la mayor celeridad posible.

Proceso de evaluación preceptiva

La Serie *Documentos de Trabajo DT* del IELAT tiene establecido un procedimiento de evaluación que consta de las siguientes fases: 1) Tras la recepción del trabajo, se remite acuse de recibo a la dirección de correo electrónico indicada por el/la autor/a; 2) La Dirección decide rechazar o iniciar el proceso de evaluación, con base en los criterios de relevancia y pertinencia del texto, comunicando a la Secretaría Técnica el comienzo del proceso de evaluación en su caso; 3) revisión por pares por el procedimiento de par simple-ciego (*Single-Blind Peer Review-SBPR*), supervisado el proceso por la Secretaría Técnica, que informa al Director. Este sistema supone que el revisor conoce la identidad de autor, pero el autor no conoce la del revisor, práctica actualmente aceptada. Además, es un procedimiento *abierto*, de tal modo que el autor conoce los comentarios de los revisores, haciéndole llegar a los autores los informes de evaluación, aunque sin identificar a los evaluadores; 4) dictamen final del informe de evaluación de aceptación, aceptación con sugerencias, revisión o rechazo del texto; 5) notificación al autor/a del resultado del proceso de evaluación.

Todos los pasos del proceso de evaluación se intentan realizar lo más ágilmente posible. No obstante, el proceso puede prolongarse durante un período de más de dos meses. En todo caso, este proceso tiene una duración máxima de tres meses a partir de la recepción del texto.

La publicación cuenta con un grupo de evaluadores acreditados, que participan en evaluaciones de otras publicaciones, y de diversas especialidades. Asimismo, para facilitar la evaluación, se dispone de un modelo de *Informe de evaluación* propio, que está disponible para los autores mediante solicitud al correo electrónico del IELAT (ielat@uah.es).

A lo largo del proceso de evaluación, la Dirección y la Secretaría Técnica supervisan las sucesivas versiones del texto e informan al autor de la situación de su trabajo. Para cualquier información sobre el proceso editorial, los autores pueden contactar con la Secretaría Técnica de la publicación en el correo: ivan.gonzalezs@edu.uah.es

En caso de que el original sea aceptado para su publicación, el/la autor/a se compromete a atender las sugerencias, recomendaciones o prescripciones de los informes de evaluación y presentar una versión mejorada.

Instrucciones para los autores

Todos los autores que deseen colaborar con los *Documentos de Trabajo DT* del IELAT deberán enviar sus trabajos al Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos (IELAT) por correo electrónico a: ielat@uah.es

Los trabajos deberán ser originales, no pudiendo haber sido publicados ni en proceso de publicación en cualquiera otra publicación, ni nacional ni extranjera (en una versión similar traducida) y ya sea de edición impresa o electrónica. El duplicado exacto de un artículo así como la publicación de, esencialmente, la misma información y análisis, así como formar parte de un libro del autor/a o colectivo se entienden como prácticas de publicación repetitiva, que nunca se publicarán como DT.

El/la autor/a deberá acompañar junto con el original del trabajo una carta-declaración de que el texto se ha enviado solamente a *Documentos de Trabajo DT* del IELAT y no se ha enviado simultáneamente a ninguna otra publicación.

En los trabajos colectivos, se entenderá que todos los/las autores/as han participado en los textos indistintamente, salvo una declaración expresa sobre la contribución específica de cada uno de ellos.

Los/las autores/as deberán cuidar el estilo y la claridad de la escritura. Respetarán escrupulosamente las normas gramaticales y evitarán expresiones redundantes e innecesarias, así como un uso sexista del lenguaje. A fin de asegurar la corrección gramatical y la adecuación al estilo académico, se podrán hacer modificaciones menores de redacción en los textos, como la eliminación de errores gramaticales y



tipográficos, expresiones poco afortunadas, giros vulgares o enrevesados, frases ambiguas o afirmaciones dudosas, entre otras. Obviamente, nunca se introducirán cambios en el contenido sustancial del texto.

Los trabajos son responsabilidad de los autores y su contenido no tiene por qué reflejar necesariamente la opinión del IELAT.

Normas de presentación formal de los textos originales

1. Los textos originales podrán estar escritos en español, inglés, portugués o francés y deberán ser enviados en formato Word® o compatible.
2. La Secretaría Técnica de la publicación acusará recibo de los originales y notificará al autor la situación en todo momento de la fase de evaluación así como el dictamen final. Para cualquier información sobre el proceso editorial, los autores pueden contactar con la Secretaría Técnica en el correo: ivan.gonzalezs@edu.uah.es
3. En la primera página del texto se incluirá el título del trabajo, en español e inglés. Igualmente, se deberá constar el nombre del autor o autores junto con la institución a la que pertenezcan. En el pie de página se incluirá un breve resumen del CV del autor/a (entre 30-50 palabras como máximo) así como la dirección de correo electrónico.

Los agradecimientos y cualquier otra información que pudiera incorporarse figurarán referenciados mediante un asterismo asociado al título del artículo o al nombre del autor o autores, según corresponda.

4. Cada texto original incluirá un resumen / abstract del trabajo de no más de 200 palabras en español y en inglés y una lista de palabras clave / keywords también en español e inglés (al menos dos y no más de cinco).
5. El texto correspondiente al contenido del trabajo deberá comenzar en una nueva página. Los distintos apartados o secciones en que se estructure el trabajo han de numerarse de forma correlativa siguiendo la numeración arábiga (incluyendo como 1 el apartado de “Introducción”). Consecutivamente, los apartados de cada sección se numerarán con dos dígitos (por ejemplo: 2.1, 2.2, 2.3, etc.).
6. Tipo y tamaños de letra: En el cuerpo del texto, Arial, paso 11, o Times New Roman, paso 12. En las notas a pie de página y los encabezados, en caso de que los haya, Arial 9 o Times New Roman 10. Los títulos de la “Introducción”, capítulos y “Conclusiones” irán en Arial 13 o Times New Roman 14, mientras que los títulos del resto de epígrafes irán en Arial 11 o Times New Roman 12. Todos los títulos y epígrafes irán en negrita, pero no se utilizarán ni negritas ni cursivas para subrayar palabras en el texto, sino comillas. En ningún caso se utilizarán subrayados. Irán en cursiva todas las palabras en otros idiomas. Las palabras que sean cita textual de otros autores irán en cursiva o entrecomilladas.
7. Párrafos: dos opciones: 1) a espacio de uno y medio, con separación entre párrafos de 12 puntos; 2) a espacio doble, sin espacio entre párrafos y con sangría izquierda en la primera línea de cada párrafo.

El texto irá justificado a izquierda y derecha. Los subtítulos deberán ubicarse sobre la izquierda sin numeración, letras ni símbolos, con la misma letra del cuerpo central y separado con doble espacio del párrafo anterior.

8. Notas a pie de página: deberán numerarse consecutivamente a lo largo de todo el documento, con numeración arábiga y en letra. Irán en Arial, tamaño 9 o Times New Roman, tamaño 10. Deberán justificarse a izquierda y derecha, con interlineado sencillo y sin espacio entre párrafos ni entre notas. Las llamadas a pie de página se colocarán antes de los signos de puntuación.
9. Los cuadros, tablas, gráficos y el material gráfico en general se numerarán de forma consecutiva en cada categoría y siempre con números arábigos. Su utilización deberá ser siempre mesurada, no debiéndose incluir información innecesaria o irrelevante. Siempre se deberá adjuntar los datos numéricos que sirven de base para la elaboración de las representaciones gráficas. Las expresiones matemáticas deberán aparecer numeradas de forma correlativa a lo largo del texto y con alineamiento al margen derecho. Se especificará siempre la fuente de la que procedan.



10. Las referencias a la literatura académica-científica invocadas en el trabajo figurarán tras el último apartado del trabajo y bajo la rúbrica Referencias bibliográficas. Se detallarán por orden alfabético de autores (no numerada). Su correcta verificación es responsabilidad del autor. Las citas aparecerán en el texto según el formato "autor-fecha", distinguiendo mediante letras minúsculas consecutivas si existen coincidencias de autor y año. Las referencias en el texto que incluyan hasta dos autores deben ser completas, usándose la fórmula et al., en caso de un mayor número de autores.

11. Referencias bibliográficas: se seguirá el estilo de citación de Chicago.

En el texto. En notas a pie de página. Se pondrá la llamada al pie tras la cita textual o intertextual, antes del signo de puntuación en caso de que lo haya. Al pie, se pondrá el apellido o apellidos del autor y el título completo de la obra citada. A continuación, es obligatorio poner el/los número/s de página/s de la referencia tomada si es cita textual y si es intertextual es también conveniente ponerlo. Puede utilizarse *Ibid* o *Ibíd*em si las citas son consecutivas, pero nunca *Op cit*.

En la bibliografía final.

▪ Libro:

Apellido(s), Nombre. *Título del libro*, Lugar de edición: Editorial, año de publicación.

Ejemplo:

Laval, Christian y Dardot, Pierre. *La nueva razón del mundo*, 2ª edición, Barcelona: Gedisa, 2015.

▪ Capítulo de libro:

Apellido(s), Nombre (segundos y terceros autores Nombre Apellidos). «Título de capítulo», en Nombre y Apellidos del editor (ed(s).), *Título del libro*, números de páginas que ocupa el capítulo. Lugar de edición: Editorial, Año de publicación.

Ejemplo:

Castro Orellana, Rodrigo. «Neoliberalismo y gobierno de la vida», en Sonia Arribas *et al.* (Coords.), *Hacer vivir, dejar morir. Biopolítica y capitalismo*, pp. 63-84. Madrid: CSIC, 2010.

▪ Artículo de revista:

Apellido(s), Nombre (segundos y terceros autores Nombre Apellidos). «Título del artículo», *Nombre de la revista*, volumen, número (año de publicación): páginas.

Ejemplo:

Pérez Herrero, Pedro. «Chile y México en perspectiva comparada (1988-2006)», *Quórum: revista de pensamiento iberoamericano*, número 16 (2006): 169-180.

▪ Páginas web:

Autor/a (si lo hay) o institución. «Título», año. Disponible en: URL, fecha de última consulta: fecha.

Ejemplo:

Gobierno de Chile. «Informe Rettig». Disponible en, <http://www.gob.cl/informe-rettig/>, fecha de última consulta: 15-02-2016.

▪ Tesis y tesinas:

Apellido(s), Nombre. «Título». Universidad, Departamento, Año.

Ejemplo:

González Sarro, Iván. «Neoliberalismo y polarización social: México, Estados Unidos, Francia y España (1973-2013), en perspectiva comparada». Universidad de Alcalá, Departamento de Historia y Filosofía, Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos (IELAT), 2018.

- Manuscritos, ponencias o conferencias no publicadas:

Apellido(s), Nombre (segundos y terceros autores Nombre Apellidos). «Título». Título del seminario o de congreso, Lugar, Fecha.

Ejemplo:

Escribano Roca, Rodrigo y Yurena González Ayuso. «Utilización de bases de datos: clave para la iniciación investigadora y la recopilación bibliográfica». Seminario presentado en Seminarios del IELAT, Universidad de Alcalá, 9 de diciembre de 2015.

Colección de Documentos de Trabajo del IELAT

DT 1: Jaime E. Rodríguez O., *México, Estados Unidos y los Países Hispanoamericanos. Una visión comparativa de la independencia*. Mayo 2008.

DT 2: Ramón Casilda Béjar, *Remesas y Bancarización en Iberoamérica*. Octubre 2008.

DT 3: Fernando Groisman, *Segregación residencial socioeconómica en Argentina durante la recuperación económica (2002 – 2007)*. Abril 2009

DT 4: Eli Diniz, *El post-consenso de Washington: globalización, estado y gobernabilidad reexaminados*. Junio 2009.

DT 5: Leopoldo Laborda Catillo, Justo de Jorge Moreno y Elio Rafael De Zuani, *Externalidades dinámicas y crecimiento endógeno. Análisis de la flexibilidad de la empresa industrial español*. Julio 2009

DT 6: Pablo de San Román, *Conflicto político y reforma estructural: la experiencia del desarrollismo en Argentina durante la presidencia de Frondizi (1958 - 1962)*. Septiembre 2009

DT 7: José L. Machinea, *La crisis financiera y su impacto en America Latina*. Octubre 2009.

DT 8: Arnulfo R. Gómez, *Las relaciones económicas México- España (1977-2008)*. Noviembre 2009.

DT 9: José Lázaro, *Las relaciones económicas Cuba- España (1990-2008)*. Diciembre 2009.

DT 10: Pablo Gerchunoff, *Circulando en el laberinto: la economía argentina entre la depresión y la guerra (1929-1939)*. Enero 2010.

DT 11: Jaime Aristy-Escuder, *Impacto de la inmigración haitiana sobre el mercado laboral y las finanzas públicas de la República Dominicana*. Febrero 2010.

DT 12: Eva Sanz Jara, *La crisis del indigenismo mexicano: antropólogos críticos y asociaciones indígenas (1968 - 1994)*. Marzo 2010.

DT 13: Joaquín Varela, *El constitucionalismo español en su contexto comparado*. Abril 2010.

DT 14: Justo de Jorge Moreno, Leopoldo Laborda y Daniel Sotelsek, *Productivity growth and international openness: Evidence from Latin American countries 1980-2006*. Mayo 2010.



DT 15: José Luis Machinea y Guido Zack, *Progresos y falencias de América Latina en los años previos a la crisis*. Junio 2010.

DT 16: Inmaculada Simón Ruiz, *Apuntes sobre historiografía y técnicas de investigación en la historia ambiental mexicana*. Julio 2010.

DT 17: Julián Isaías Rodríguez, Belín Vázquez y Ligia Berbesi de Salazar, *Independencia y formación del Estado en Venezuela*. Agosto 2010.

DT 18: Juan Pablo Arroyo Ortiz, *El presidencialismo autoritario y el partido de Estado en la transición a la economía de libre mercado*. Septiembre 2010.

DT 19: Lorena Vásquez González, *Asociacionismo en América Latina. Una Aproximación*. Octubre 2010.

DT 20: Magdalena Díaz Hernández, *Anversos y reversos: Estados Unidos y México, fronteras socio-culturales en La Democracia en América de Alexis de Tocqueville*. Noviembre 2010.

DT 21: Antonio Ruiz Caballero, *¡Abre los ojos, pueblo americano! La música hacia el fin del orden colonial en Nueva España*. Diciembre 2010.

DT 22: Klaus Schmidt- Hebbel, *Macroeconomic Regimes, Policies, and Outcomes in the World*. Enero 2011

DT 23: Susanne Gratius, Günther Maihold y Álvaro Aguillo Fidalgo. *Alcances, límites y retos de la diplomacia de Cumbres europeo-latinoamericanas*. Febrero 2011.

DT 24: Daniel Díaz- Fuentes y Julio Revuelta, *Crecimiento, gasto público y Estado de Bienestar en América Latina durante el último medio siglo*. Marzo 2011.

DT 25: Vanesa Ubeira Salim, *El potencial argentino para la producción de biodiésel a partir de soja y su impacto en el bienestar social*. Abril 2011.

DT 26: Hernán Núñez Rocha, *La solución de diferencias en el seno de la OMC en materia de propiedad intelectual*. Mayo 2011.

DT 27: Itxaso Arias Arana, Jhonny Peralta Espinosa y Juan Carlos Lago, *La intrahistoria de las comunidades indígenas de Chiapas a través de los relatos de la experiencia en el marco de los procesos migratorios*. Junio 2011.

DT 28: Angélica Becerra, Mercedes Burguillo, Concepción Carrasco, Alicia Gil, Lorena Vásquez y Guido Zack, *Seminario Migraciones y Fronteras*. Julio 2011.

DT 29: Pablo Rubio Apiolaza, *Régimen autoritario y derecha civil: El caso de Chile, 1973-1983*. Agosto 2011.

DT 30: Diego Azqueta, Carlos A. Melo y Alejandro Yáñez, *Clean Development Mechanism Projects in Latin America: Beyond reducing CO2 (e) emissions. A case study in Chile*. Septiembre 2011.

DT 31: Pablo de San Román, *Los militares y la idea de progreso: la utopía modernizadora de la revolución argentina (1966-1971)*. Octubre 2011.

DT 32: José Manuel Azcona, *Metodología estructural militar de la represión en la Argentina de la dictadura (1973-1983)*. Noviembre 2011.

DT 33: María Dolores Almazán Ramos, *El discurso universitario a ambos lados del Atlántico*. Diciembre 2011.

DT 34: José Manuel Castro Arango, *La cláusula antisubcapitalización española: problemas actuales*. Enero 2012.

DT 35: Edwin Cruz Rodríguez, *La acción colectiva en los movimientos indígenas de Bolivia y Ecuador: una perspectiva comparada*. Febrero 2012.

DT 36: María Isabel Garrido Gómez (coord.), *Contribución de las políticas públicas a la realización efectiva de los derechos de la mujer*. Marzo 2012.

DT 37: Javier Bouzas Herrera, *Una aproximación a la creación de la nación como proyecto político en Argentina y España en los siglos XIX y XX. Un estudio comparativo*. Abril 2012.

DT 38: Walther L. Bernecker, *Entre dominación europea y estadounidense: independencia y comercio exterior de México (siglo XIX)*. Mayo 2012.

DT 39: Edel José Fresneda, *El concepto de Subdesarrollo Humano Socialista: ideas nudo sobre una realidad social*. Junio 2012.

DT 40: Sergio A. Cañedo, Martha Beatriz Guerrero, Elda Moreno Acevedo, José Joaquín Pinto e Iliana Marcela Quintanar, *Fiscalidad en América Latina. Monográfico Historia*. Julio 2012.

DT 41: Nicolás Villanova, *Los recuperadores de desechos en América Latina y su vínculo con las empresas. Un estudio comparado entre diferentes países de la región y avances para la construcción de una hipótesis*. Agosto 2012.

DT 42: Juan Carlos Berganza, María Goenaga Ruiz de Zuazu y Javier Martín Román, *Fiscalidad en América Latina. Monográfico Economía*. Septiembre 2012.

DT 43: Emiliano Abad García, *América Latina y la experiencia postcolonial: identidad subalterna y límites de la subversión epistémica*. Octubre 2012.

DT 44: Sergio Caballero Santos, *Unasur y su aporte a la resolución de conflictos sudamericanos: el caso de Bolivia*. Noviembre 2012.

DT 45: Jacqueline Alejandra Ramos, *La llegada de los juristas del exilio español a México y su incorporación a la Escuela Nacional de Jurisprudencia*. Diciembre 2012.

DT 46: Maíra Machado Bichir, *À guisa de um debate: um estudo sobre a vertente marxista da dependencia*. Enero 2013.

DT 47: Carlos Armando Preciado de Alba. *La apuesta al liberalismo. Visiones y proyectos de políticos guanajuatenses en las primeras décadas del México independiente*. Febrero 2013.

DT 48: Karla Annett Cynthia Sáenz López y Elvin Torres Bulnes, *Evolución de la representación proporcional en México*. Marzo 2013.

DT 49: Antônio Márcio Buainain y Junior Ruiz Garcia, *Roles and Challenges of Brazilian Small Holding Agriculture*. Abril 2013.

DT 50: Angela Maria Hidalgo, *As Influências da Unesco sobre a Educação Rural no Brasil e na Espanha*. Mayo 2013.

DT 51: Ermanno Abbondanza, *“Ciudadanos sobre mesa”. Construcción del Sonorense bajo el régimen de Porfirio Díaz (México, 1876-1910)*. Junio 2013.

DT 52: *Seminario Internacional: América Latina-Caribe y la Unión Europea en el nuevo contexto internacional*. Julio 2013.

DT 53: Armando Martínez Garnica, *La ambición desmedida: una nación continental llamada Colombia*. Agosto 2013.

DT 55: Beatriz Urías Horcasitas, *El nacionalismo revolucionario mexicano y sus críticos (1920-1960)*. Octubre 2013.

DT 56: Josep Borrell, *Europa, América Latina y la regionalización del mundo*. Noviembre 2013.

DT 57: Mauren G. Navarro Castillo, *Understanding the voice behind The Latino Gangsters*. Diciembre 2013.

DT 58: Gabriele Tomei, *Corredores de oportunidades. Estructura, dinámicas y perspectivas de las migraciones ecuatorianas a Italia*. Enero 2014.

DT 59: Francisco Lizcano Fernández, *El Caribe a comienzos del siglo XXI: composición étnica y diversidad lingüística*. Febrero 2014.

DT 60: Claire Wright, *Executives and Emergencies: Presidential Decrees of Exception in Bolivia, Ecuador, and Peru*. Marzo 2014.

DT 61: Carlos de Jesús Becerril H., *Un acercamiento a la historiografía sobre las instituciones jurídicas del Porfiriato, 1876-1911*. Abril 2014.

DT 62: Gonzalo Andrés García Fernández, *El pasado como una lección del presente. Una reflexión histórica para el Chile actual*. Mayo 2014.

DT 63: Cecilia A. Fandos, *Tierras comunales indígenas en Argentina. Una relectura de la desarticulación de la propiedad comunal en Jujuy en el siglo XIX*. Junio 2014.

DT 64: Ramón Casilda Béjar, *América Latina y las empresas multilatinas*. Julio 2014.

DT 65: David Corrochano Martínez, *Política y democracia en América Latina y la Unión Europea*. Agosto 2014.

DT 66: Pablo de San Román, *Participación o ruptura: la ilusión del capitalismo sindical en la Argentina post- peronista*. Septiembre 2014.

DT 67: José Joaquín Pinto Bernal, *Los orígenes de la deuda pública en Colombia*. Octubre 2014.

DT 68: Fernando Martín Morra, *Moderando inflaciones moderadas*. Noviembre 2014.

DT 69: Janete Abrão, *¿Como se deve (re)escrever a História nacional?* Diciembre 2014.

DT 70: Estela Cristina Salles y Héctor Omar Noejovich, *La transformación política, jurídica y económica del territorio originario del virreinato del Perú, 1750-1836*. Enero 2015.

DT 71: M^o Isabel Garrido Gómez, J. Alberto del Real Alcalá y Ángeles Solanes Corella, *Modernización y mejora de la Administración de Justicia y de la operatividad de los jueces en España*. Febrero 2015

DT 72: Guido Zack, *El papel de las políticas públicas en los períodos de crecimiento y desaceleración de América Latina*. Marzo 2015.

DT 73: Alicia Gil Lázaro y María José Fernández Vicente, *Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada, principios del siglo XX- principios del siglo XXI*. Abril 2015.

DT 74: Pablo de San Román, *Desconfianza y participación: la cultura política santafesina (Argentina, 2014)*. Mayo 2015.

DT 75: María Teresa Gallo, Rubén Garrido, Efraín Gonzales de Olarte y Juan Manuel del Pozo, *La cara amarga del crecimiento económico peruano: Persistencia de la desigualdad y divergencia territorial*. Junio 2015.

DT 76: Leopoldo Gamarra Vílchez, *Crisis económica, globalización y Derecho del Trabajo en América Latina*. Julio 2015.

DT 77: Alicia Gil Lázaro, Eva Sanz Jara e Inmaculada Simón, *Universalización e historia. Repensar los pasados para imaginar los futuros*. Agosto 2015.

DT 78: Sonia Oster Mena, *Corporate Diplomacy in the EU. The strategic corporate response to meet global challenges*, Septiembre 2015

DT 79: Edgar Záyago Lau, Guillermo Foladori, Liliana Villa Vázquez, Richard P. Appelbaum y Ramón Arteaga Figueroa, *Análisis económico sectorial de las empresas de nanotecnología en México*, Octubre 2015.

DT 80: Yurena González Ayuso, *Presente y pasado de la transición española. Un estado de la cuestión pertinente*, Noviembre 2015.

DT 81: Janet Abrao, *Construções discursivo-ideológicas e históricas da identidade nacional brasileira*, Diciembre 2015.

DT 82: Guido Zack, *Una aproximación a las elasticidades del comercio exterior de la Argentina*, Enero 2016.

DT 83: Rodrigo Escribano Roca, *“Lamentables noticias” Redes de información e imaginación política en la crisis revolucionaria del mundo atlántico. Un análisis micro-histórico del Colegio de Chillán en Chile (1808-1812)*, Febrero 2016.

DT 84: Iván González Sarro, *La calidad de la democracia en América Latina. Análisis de las causas del «déficit democrático» latinoamericano: una visión a través de los casos de Honduras y Paraguay*, Marzo 2016.

DT 85: Carlos de Jesús Becerril Hernández, *“Una vez triunfantes las armas del ejército francés en Puebla”. De las actas de adhesión de la Ciudad de Puebla y de los pueblos en el Distrito de Cholula, 1863*, Abril 2016.

DT 86: Laura Sánchez Guijarro, *La adhesión de la Unión Europea al Convenio Europeo de Derechos Humanos: Un desafío para Europa todavía pendiente*, Mayo 2016.

DT 87: Pablo Gerchunoff y Osvaldo Kacef, *“¿Y ahora qué hacemos?” La economía política del Kirchnerismo*, Junio 2016.

DT 88: María-Cruz La Chica, *La microhistoria de un desencuentro como soporte de la reflexión antropológica: Trabajo de campo en una comunidad indígena de México*, Julio 2016.

DT 89: Juan Ramón Lecuonaalenzuela y Lilianne Isabel Pavón Cuellar, *Actividad económica e industria automotriz: la experiencia mexicana en el TLCAN*, Agosto 2016.

DT 90: Pablo de San Román, *Continuidades y rupturas en el proceso de cambio social. Comentario a la obra de Pierre Vilar. Iniciación al vocabulario del análisis histórico*, Septiembre 2016.

DT 91: Angelica Dias Roa y Renaldo A. Gonsalvez, *Modelos probabilísticos de severidade para grandes perdas*, Octubre 2016.

DT 92: Gonzalo Andrés García Fernández, *Redes de poder familiares entre el fin del Antiguo Régimen y el nacimiento del Estado-nación. Una visión comparada para Chile y Argentina*, Noviembre 2016.

DT 93: Eduardo Cavieres Figueroa, *Europa-América Latina: política y cultura en pasado-presente*, Diciembre 2016.

DT 94: Mirka V. Torres Acosta, *El mito de Sísifo o el revival de una historia conocida. Chávez, populismo y democracia*, Enero 2017.

DT 95: Aitor Díaz-Maroto Isidro, *Paz sin armas: los procesos de paz vasco y norirlandés con la vista puesta en Colombia*, Febrero 2017.

DT 96: Marvin Vargas Alfaro, *El consensus y el control de convencionalidad de la Corte Internacional de Derechos Humanos. Reflexiones a la luz del caso “Artavia Murillo y otros” contra Costa*, Marzo 2017.

DT 97: Ana Gamarra Rondinel, *Evasion vs. real production responses to taxation among firms: bunching evidence from Argentina*, Abril 2017.

DT 98: J. Eduardo López Ahumada, *Trabajo decente y globalización en Latinoamérica: una alternativa a la desigualdad laboral y social*, Mayo 2017.

DT 99: José Fernando Ayala López, *Historia política de México a través de sus instituciones y reformas electorales, siglo XX. Una propuesta de análisis*, Junio 2017.

DT 100: Juan Pablo Arroyo, *La Política monetaria en la liberalización económica y su impacto en la sociedad. Análisis comparado México y España 1984-2008*, Julio 2017.

DT 101: José Esteban Castro, *Proceso de Monopolización y Formación del Estado: El control del agua en el Valle de México en perspectiva histórica (siglos quince a diecinueve)*, Agosto 2017.

DT 102: Alberto Berríos *et al.*, *Personas en situación sin hogar en León (Nicaragua): definición, número, características y necesidades básicas*, Septiembre 2017.

DT 103: Pablo de San Román, *Razones socioeconómicas de la democracia. Comentario a la obra de Seymour M. Lipset, El hombre político: bases sociales de la política*, Octubre 2017.

DT 104: Ramón Casilda Béjar, *México. Zonas Económicas Especiales*, Noviembre 2017.

DT 105: Dora García Fernández, *Bioética y responsabilidad. El caso de las empresas bioéticamente responsables en México*, Diciembre 2017.

DT 106: Santiago A. Barrantes González, *El derecho de los refugiados en la Unión Europea. Un análisis de la situación de las y los menores de edad no acompañados*, Enero 2018.

DT 107: Sol Lanteri, *Liberalismo, cambios institucionales y derechos de propiedad sobre la tierra. La frontera sur de Buenos Aires (segunda mitad del siglo XIX)*, Febrero 2018.

DT 108: Gerardo Manuel Medina Reyes, *Movimiento de pasajeros a través del Atlántico. Los extranjeros que desembarcaron en el puerto de Veracruz, México, 1825-1848*, Marzo 2018.

DT 109: Iván González Sarro, *La política social en México (1980-2013): alcance e impactos sobre la desigualdad económica y la pobreza*, Abril 2018.

DT 110: Noelia Rodríguez Prieto, *Los referéndums de Quebec (1980-1995). Análisis de sus causas y consecuencias*, Mayo 2018.

DT 111: Francisco Laguna Álvarez, *A Historiographic Review of the Japanese Immigration to Brazil (1908-2000)*, Junio 2018.

DT 112: Felipe Orellana Pérez, *Las bases del diseño del Estado de Bienestar chileno y las estrategias de integración panamericana en el periodo 1929-1949*, Julio 2018.

DT 113: Marco Barboza Tello, *Consideraciones acerca de la metamorfosis del mundo*, Agosto 2018.

DT 114: Ruth Adriana Ruiz Alarcón, *Presupuestos para la incorporación de una regulación del Trabajo Autónomo en Colombia: una perspectiva desde la Legislación Española*, Septiembre 2018.

DT 115: Francisco Lizcano Fernández, *Calidad de la democracia y construcción de la ciudadanía en México. Una propuesta para evaluar las evaluaciones de las instituciones involucradas en las elecciones mexicanas*, Octubre 2018.

DT 116: David Almonacid Larena, *Residencia fiscal de las personas físicas y jurídicas: aspectos internacionales*, Noviembre 2018.

DT 117: Karla Alexandra Fernández Chirinos, *El trabajo informal: análisis de las nuevas propuestas de estudio de las Ciencias Sociales y las Humanidades*, Diciembre 2018.

DT 118: José Fernando Ayala López, *México tras las elecciones del 1º de julio: crónica de una transición anunciada*, Enero 2019.

DT 119: Victoria Elena González Mantilla, *Análisis del Discurso del Comisionado de paz Luis Carlos Restrepo en la desmovilización del Bloque Norte de las Autodefensas Unidas de Colombia*, Febrero 2019.

DT 120: Pablo Rubio Apiolaza, *Los Estados Unidos y la transición a la democracia en Chile: Lecturas e influencias entre 1985 y 1988*, Marzo 2019.

DT 121: Esther Solano Gallego, *La Bolsonarización de Brasil*, Abril 2019.



Todas las publicaciones están disponibles en
la página Web del Instituto: www.ielat.com

© Instituto Universitario de Investigación en
Estudios Latinoamericanos (IELAT)

Los documentos de trabajo que IELAT
desarrolla contienen información analítica
sobre distintos temas y son elaborados por
diferentes miembros del Instituto u otros
profesionales colaboradores del mismo. Cada
uno de ellos ha sido seleccionado y editado
por el IELAT tras ser aprobado por la Comisión
Académica correspondiente.

Desde el IELAT animamos a que estos
documentos se utilicen y distribuyan con fines
académicos indicando siempre la fuente. La
información e interpretación contenida en los
documentos son de exclusiva responsabilidad
del autor y no necesariamente reflejan las
opiniones del IELAT.

Las propuestas de textos para ser publicados
en esta colección deben ser enviadas a
ielat@uah.es donde serán evaluadas por
pares ciegos.

Instituto Universitario de
Investigación en Estudios
Latinoamericanos
Colegio de Trinitarios
C/Trinidad 1 – 28801
Alcalá de Henares (Madrid)
España
34 – 91 885 2579
ielat@uah.es www.ielat.com

P.V.P.: 20 €

Con la colaboración de:

